Julho/Agosto 2000 Nº 3 ANO I

entre Linhas

Publicação do Conselho Regional de Psicologia CRP - 07

Notícias

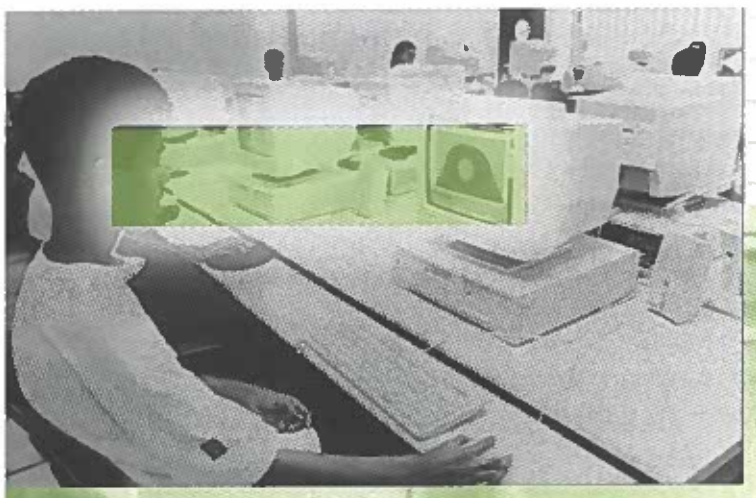
Agenda

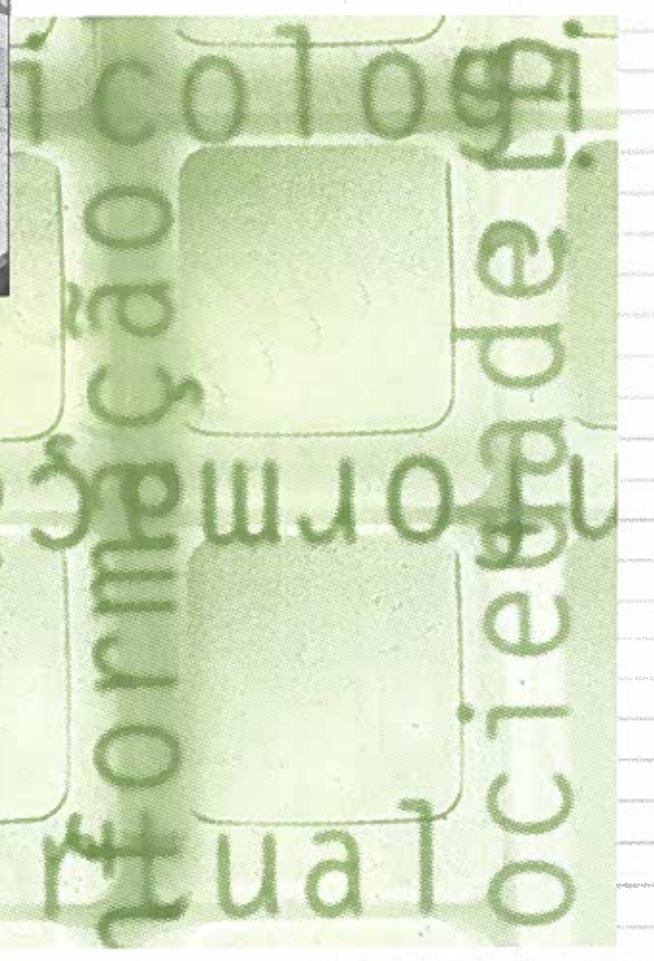
Resenha

FORA DOS CONSULTÓRIOS

Escutando a surdez

Psicologia na Rede





As novas tecnologias estão dominando o cotidiano e, aos poucos, se tornam imprescindíveis também nas relações humanas. A questão é urgente para os psicólogos, que estão convidados a fazer deste um tema para reflexão.

Venha comemorar com a gente o Dia do Psicólogo e se preparar para os novos tempos. Página 4.

entrevista Lya Luft



Gestão Conexão

• Adriane Souza da Silva Schein
• Ana Cristina Blaskoski Carissimi
• Andréa Giesen Lompa
• Aurinez Rospide Schmitz
• Bernadete Magalhães Trindade
• Célia Angelina Trevisi do Nascimento
• Janice Castilhos Gomes
• Maria Regina Krás Borges
• Patrícia Schroeber
• Rejane de Oliveira Pousada
• Siloé Rey
• Simone Poester Schmidt
• Vera Elisabeth Verissimo

Diretoria

Presidente:
• Andréa Giesen Lompa
Vice-presidente:
• Ana Cristina Blaskoski Carissimi
Secretária:
• Célia Angelina Trevisi do Nascimento
Tesoureira:
• Simone Poester Schmidt

Comissão de Comunicação

• Adriane Souza da Silva Schein • Andréa Giesen Lompa • Siloé Rey • Vera Elisabeth Verissimo • Walter Firmo de Oliveira-Cruz

editorial

Tempo, Tecnologia e Subjetividade

"E ainda hoje, em alguma grande cidade da província ou em algum bairro de Paris que não conheço bem, quando um transeunte "que me mostra o caminho" me indica ao longe, como ponto de referência, uma torre de hospital [...] há de espantar-se ao me surpreender, esquecido do passeio ou da obrigação, ali parado diante da torre, horas e horas, imóvel, procurando lembrar-me [...] continuo a procurar o caminho, dobro uma rua... mas em meu coração..."

Marcel Proust, em *No Caminho de Swann*

Los Angeles, dois mil e vinte... Não temos mais a luz do sol e a paisagem lembra de leve o caos. Como esquecer *Blade Runner* e seu universo desencantado? Pois é, a cada momento, com a subjetividade que forjamos em cada época, somos capazes de imaginar distintamente nosso futuro e nosso passado. É interessante pensarmos estas representações que estabelecemos de nós mesmos, tanto do que poderíamos ser quanto do que fomos: são tão distintas que muitas vezes nos levam a pensar o quanto se trata de uma ficção. Pouca coisa hoje (exceto talvez algum clone de ovelha) nos leva a pensar que em vinte anos viveremos num ambiente escuro e úmido. No entanto, *Blade Runner* nos arrebatou...

A todo instante fazemos este exercício de tentar nos colocar em um outro tempo. No entanto, se trata de um "outro tempo" sempre impossível, pois, entre outras coisas, não dispomos, digamos, das conjunturas subjetivas necessárias. Amar, trabalhar, sonhar... Cada instante guarda suas formas e seus segredos.

É mais ou menos neste espírito que lançamos esta terceira edição do EntreLinhas. Atentos a estas constantes transformações da subjetividade, nós, psicólogos, não nos furtamos de pensar as implicações que o tempo e, conseqüentemente a tecnologia, vêm imprimindo nos sujeitos contemporâneos. Compreender um pouco melhor os efeitos das novas tecnologias nas relações e mesmo na constituição do sujeito contemporâneo é, agora, nossa proposta.

Abrimos então o debate apresentando textos bastante provocativos e que, sem dúvida, muito nos farão pensar. Lembramos que teremos a oportunidade de dialogar com os autores no próximo dia 25 de agosto, no evento alusivo à passagem do Dia do Psicólogo (ver programação na página quatro). Agradecemos desde já aos colaboradores desta edição pela alta qualidade do material produzido, desejando a todos uma leitura bastante proveitosa.

Gestão Conexão

Conselho de Psicologia do Rio Grande do Sul / CRP-07

Sede
Av. Osvaldo Aranha, 1423 – sala 102
90035.191 – Porto Alegre/RS
Telefone/Fax: (51) 335.1838 330.3458
E-mail:
crp07@portoweb.com.br
Site:
www.crp07.org.br
(em preparação)

Seção da Serra
Rua Sinimbú, 2091/416
95.020-004 – Caxias do Sul/RS –
Telefone (54) 223.4529
Representante:
Patrícia Schroeber

Seção Sul
Rua Félix da Cunha, 772/304
96.010-000 – Pelotas/RS –
Telefone (532) 27.4197
Representante:
Giovani Cantarelli

• Os artigos publicados com assinatura são de inteira responsabilidade do autor e não traduzem, necessariamente, a opinião do Conselho Regional de Psicologia.

• Cartas, artigos e outras manifestações devem ser encaminhadas à Comissão de Comunicação. Os artigos devem ter, no máximo, 35 linhas. Por questão de espaço, as cartas podem ser resumidas.

entre Linhas

"Gostaria de felicitar este informativo (EntreLinhas nº2) pela clareza e qualidade dos artigos apresentados, principalmente àqueles colegas que estão conduzindo trabalhos difíceis como o que foi descrito sobre a "Psicologia no Médico Legal". Regina Fanfa Onófrio, Porto Alegre

"Participei do Fórum Gaúcho de Psicologia e Direitos Humanos e, como presidente do Juizado Criminal de Cachoeirinha, gostaria de sugerir que a Comissão de Direitos Humanos do CRP-07 discutisse a necessidade da presença de uma psicóloga para auxiliar as vítimas de estupro. Estas ficam sós, abandonadas a mercê do gigantesco aparato judicial, que lhe arranca as vísceras. Ou seja, há um duplo estupro: além do físico, existe o psicológico por ocasião do processo. O abusador tem direito legal a advogados e a vítima, a qual acompanhamento tem direito? São muitos os casos em que abandonam o processo, tal a intimidação que sentem pela situação.
Jane Fischman, Cachoeirinha

Uma publicação do Conselho de Psicologia do Rio Grande do Sul / CRP-07

Edição e textos: Mônica Kanitz (MTb 8103)
Projeto gráfico e editoração: Clô Barcellos
Impressão: Pallotti
Tiragem: 8 mil exemplares
Peridiocidade: bimestral
Distribuição gratuita

Fora dos consultórios

Vencendo preconceitos





Fotos: Ricardo Vianna Martins

O primeiro contato que o psicólogo Ricardo Vianna Martins teve com um surdo foi há alguns anos, em seu consultório. Enquanto a mãe conversava com Ricardo, o garoto, espertíssimo, se dedicava a virar de "pernas para o ar" a sala de trabalho. Reconhecendo seu completo desconhecimento sobre surdez, o psicólogo encaminhou o menino para outro atendimento, mas resolveu pesquisar sobre o assunto e acabou escolhendo-o como tema de Mestrado. Assim, em 1998, Ricardo obteve na PUC-RS o título de Mestre em Psicologia, com a dissertação *Relações Interpessoais e Surdez na Adolescência.*

Enquanto desenvolvia sua pesquisa ele teve a oportunidade de observar, na cidade de Charqueadas, uma turma de surdos. Os alunos, juntos há oito anos, não estavam ligados a nenhum projeto educacional específico: a professora - ouvinte - conhecia superficialmente a Língua de Sinais, mantendo um contato muito primário com os alunos, e estes, além de não estarem alfabetizados, não conheciam a língua que lhes seria mais adequada, a Libras (Língua Brasileira de Sinais). "Os anos passaram e a turma não se desenvolvia porque não havia a concepção, básica e óbvia, de que aquela relação devia ser mediada por uma língua, no caso a Libras", complementa o psicólogo.

Essas impressões eram compartilhadas com dois surdos, Wilson Miranda e Gladis Perlin, do curso de pós-graduação em Educação da Ufrgs. Junto com estes dois colegas, Ricardo montou um projeto bilíngüe para qualificar o ensino dos surdos em Charqueadas e tentar organizar a comunidade surda local (a cidade tem cerca de 28 mil habitantes, entre os quais há 14 surdos conhecidos pelos professores). Esse projeto, submetido a SMED (Secretaria Municipal de Educação) no começo de 1999, foi imediatamente aceito, apoiado e executado pela Secretaria.

O primeiro passo para a efetivação do projeto foi a contratação de um professor surdo (Wilson Miranda), que se encarrega de ensinar a Libras aos alunos. Ele divide as aulas com uma professora ouvinte, responsável pelas aulas de Português. "O que acontece, na maior parte dos casos (95%), é que os surdos são oriundos de famílias de ouvintes. São pessoas que não sabem sinalizar e interagem pouco com a criança, ainda assim usando uma linguagem caseira sem os recursos de uma Língua", destaca Ricardo, chamando a atenção para a importância do professor surdo. "Esse tipo de interação possibilita não só o desenvolvimento lingüístico dos alunos, mas também do professor ouvinte, que muitas vezes só recebe um pequeno curso de Libras e não tem a possibilidade de renovar seus conhecimentos", acrescenta. Só uma imersão constante na Língua de Sinais habilita o professor, de fato, a compartilhar algum conhecimento com os alunos. Caso contrário, o que se observa é uma involução lingüística e o empobrecimento da relação aluno/professor.

O psicólogo Ricardo Vianna Martins desenvolve três projetos na Região Carbonífera do Rio Grande do Sul: *Surdez: Educação e Cidadania*, que introduziu a educação bilíngüe em Charqueadas; *Surdez em Rede*, que pretende aproximar os estudantes surdos da região (nas cidades de Butiá, Charqueadas e Triunfo) e incrementar a Língua Brasileira de Sinais nessas comunidades; e o projeto *Deafnet*, um dos vinte ganhadores do Concurso *Escola 2000 por Hora*, patrocinado pelo Instituto Airton Senna. Como prêmio, o projeto recebeu um laboratório de informática com sete computadores e conexão de 24 horas com a Internet. A causa é nobre: conectar os surdos de Charqueadas com os surdos dessa e de outras regiões.

Outro fato importante que envolve o professor não ouvinte é que este ajuda a subverter o estereótipo da surdez nessas comunidades, onde os surdos geralmente são tratados como incapazes e dependentes. Com pouca formação escolar e sem estrutura que facilite a comunicação surdo/ouvinte, eles acabam tendo que se submeter aos piores empregos, quando conseguem algum. A "simples carteira de habilitação, quando descobrem que o professor surdo dirige, já é motivo de espanto para os alunos", conta o psicólogo. Por outro lado, a presença do professor surdo revela a timidez das propostas oferecidas. "Não é a toa que em muitos municípios as turma de surdos estejam, hoje, freqüentando as APAEs. Nada contra essas instituições que, inclusive, se esforçam em dar um acolhimento deixado vago pelo Estado. Mas acolhimento não é política de Educação, é apenas uma forma de "remendar" a ausência do Estado, que tem claras dificuldade em chamar para si a responsabilidade de adotar uma política educacional eficaz e de investir nesse setor", avalia Ricardo.

Aos poucos, os frutos do projeto, implantado em março do ano passado, vão sendo colhidos. Além dos alunos já terem saído daquela fase que Ricardo chama de "pré-histórica" no que se refere à aprendizagem, as cidades vizinhas estão mostrando interesse em desenvolver o projeto. "Isso nos dá uma grande satisfação, porque estamos conseguindo fazer com que as pessoas entendam que os surdos podem, sim, ter autonomia, se relacionar com o social", conta. Por conta deste interesse das comunidades de Triunfo e Butiá, Ricardo e o professor Wilson realizam encontros sistemáticos com os surdos destas localidades. É o momento para a troca de idéias entre os alunos e professores, o que pode resultar na contratação de outros professores surdos e na regionalização do projeto iniciado por Ricardo e Wilson em Charqueadas.

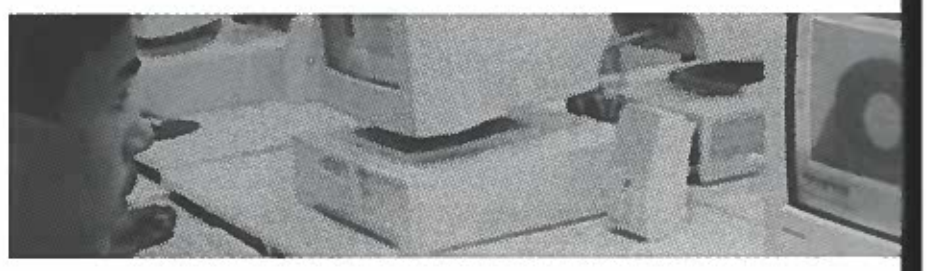
Se você desenvolve ou conhece algum psicólogo envolvido em um projeto diferenciado, mande como sugestão para esta página.

Psicologia na Rede

A Psicologia da vida virtual

Mesmo sem nos darmos conta, estamos inseridos num mundo onde a tecnologia já se tornou imprescindível. Ninguém questiona as facilidades do controle remoto, dos caixas eletrônicos, dos aparelhos de som, do telefone celular ou dos computadores, estes definitivamente incorporados ao cotidiano da classe média brasileira. Com os computadores pessoais (PCs), principais vedetes dos anos 90, veio a Internet, que conecta qualquer pessoa ao mundo em poucos instantes. Tamanha revolução tecnológica provocou uma mudança sensível no comportamento das pessoas, que vem se refletindo em várias áreas.
Uma delas é a Psicologia. Aos poucos, a informática foi entrando nas clínicas para organizar fichas, documentos e auxiliar na resolução de testes psicológicos. Psicologia e informática também se cruzam quando entram em cena as psicopatologias associadas ao uso do computador, práticas de reabilitação e, mais recentemente, algumas iniciativas de atendimento psicoterápico via Internet. Analisando um pouco mais, constatamos que a Internet provoca mudanças nas relações humanas, já que facilita o contato entre conhecidos e desconhecidos e é responsável por um hábito solitário, o da navegação por sites de todos os tipos, que oferecem acesso a lugares e até a informações consideradas inatingíveis. Sem contar as facilidades de compras e serviços sem sair de casa: basta acessar, escolher a mercadoria e tudo chega em pouco tempo, sem precisar falar com ninguém. Entre os 160 milhões de usuários da Internet que existem pelo mundo afora (só no Brasil são sete milhões), alguns já estão testando como é viver sem sair de casa, valendo-se da Web para atender às suas necessidades, básicas e secundárias.
Enfim, um tema polêmico, que ainda merece ser muito pesquisado e aprofundado. Aos poucos, os psicólogos de todo o país estão emitindo suas opiniões e se envolvendo com o assunto, e o Rio Grande do Sul não ficou de fora. O CRP-07 vem propor essa discussão e elegeu este tema para o encontro comemorativo do Dia do Psicólogo, no próximo mês de agosto. O debate, que vai reunir profissionais reconhecidos no Estado, promete ser muito bom. O EntreLinhas antecipa, nas próximas páginas, algumas idéias dos participantes sobre a questão da Psicologia e Internet. É só ler, refletir e trazer suas opinião para o grande grupo. Participe!!

Os tempos são outros e os psicólogos não podem deixar de se atualizar...



subjetivid@de.hi-
subjetivid@de

subjetivid@de.hi-tech

Psicologia, Virtualidade, Sociedade e Informação

Debate em comemoração ao Dia do Psicólogo

Data: 25 de agosto
(Sexta-feira)
Horário: 16h
Local: Sala 209 da Usina do Gasômetro
(av. João Goulart, s/nº - Porto Alegre)
Entrada franca

Programação:

- Mesa-redonda – **Sociedade de Informação e Subjetividade**
Participantes: Cleci Maraschin (psicóloga), Lya Luft (escritora) e Julieta Desaulniers (socióloga)
- Conferência – **com Alfredo Jerusalinsky (psicanalista)**

- Atração cultural – **"Chega de Saudade", uma homenagem a Tom Jobim. Espetáculo com o grupo Vox Polis, com a participação de Paulo Dorfmann e Fernando do Ó.**

O CRP-07 está colocando um ônibus à disposição das Seções de Caxias do Sul e Pelotas para o Encontro. Os interessados devem se inscrever até o dia 11 de agosto nas secretarias das Seções.

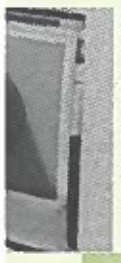
subjetivid@de.hi-tech

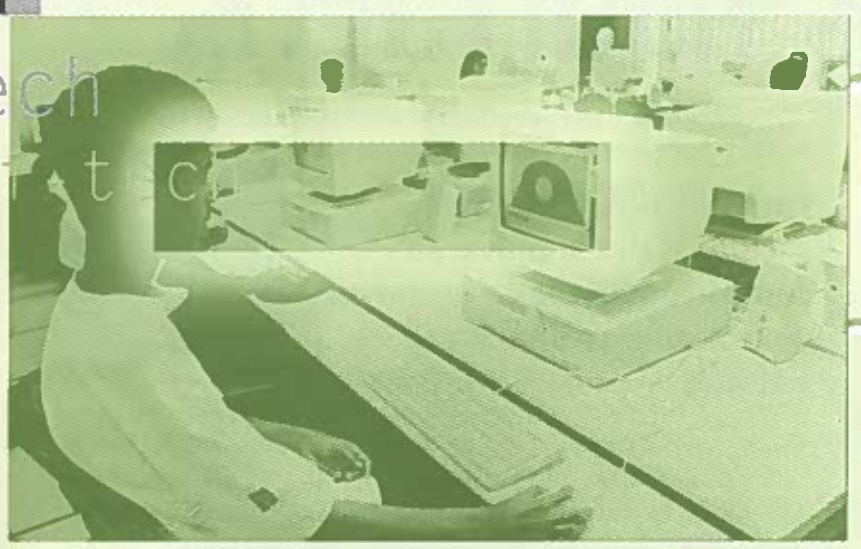
Virtuais e ciborgs

OPINIÃO

Cleci Maraschin
Professora do Instituto de Psicologia, atua no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) e no Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação (PGIE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aos poucos somos transportados para uma ficção científica: nosso dentro é dobrado em um fora e projetado em uma tela, em um exame ecográfico; carrego a possibilidade de atualização da voz de milhões de pessoas em minha bolsa, através do celular; estamos em uma espécie de assembléia internacional permanente em interações muitos-muitos, pela conexão à rede Internet... E outros exemplos que, há poucas décadas causariam fascinação ou terror, hoje parecem naturais e, mesmo, imprescindíveis. Como sobreviveríamos uma semana sem energia elétrica?





Mas a aventura continua: chips são miniaturizados e transformados em drágeas que percorrem o interior de nossos corpos realizando diagnósticos, desobstruindo veias e artérias, combatendo infecções; computadores subcutâneos podem nos deixar ligados ininterruptamente; podemos, ao caminhar distraidamente pelas ruas de qualquer cidade, ser sugados a um Museu do Louvre virtual e terminarmos nossa tarde na fruição de obras de arte em companhia de outros avatares também distraídos, ou não ...

Somos mais virtuais e ciborgs do que desejamos admitir. A constatação anterior pode causar mal estar ou desconforto, pois significamos virtual como falso, irreal e ciborg como uma espécie de robotização, como um solapamento de uma suposta essência natural do ser humano.

Mas se formos buscar sua origem latina, virtual significa o que existe potencialmente no real. A idéia de virtual visa dar conta de um real que se define como duração, como acontecimento que, ao ser atravessado por um analisador ou tecnologia cultural, pode existir de uma forma atual. Virtual e atual são dois modos de existir: a codificação da informação em bites a virtualiza, tornando-a indiferente ao dispositivo de saída. Teoricamente, é possível atualizar qualquer seqüência de bites em uma música, imagem, texto, escultura holográfica..., dependendo das interfaces já criadas. Pensando assim, começamos a nos transformar em ciborgs ao compartilharmos da primeira tecnologia, produzindo, no mesmo ato, sentidos e novos acontecimentos.

Todo nosso desassossego com o crescente processo de digitalização social mostra que as tecnologias anteriores já foram tão naturalizadas que parecem ter perdido seu potencial virtualizador de outrora. Virtualizar não significa desrealizar, significa vivenciar o real em seu modo, acontecimento, vivência que produz sensação de estranhamento, de desestabilização, podendo levar à tomada de consciência de que aquilo que definimos como real também resulta de uma espécie de atualização. O próprio processo perceptivo humano pode ser entendido neste sentido. A idéia de realidade é resultante de um processo de construção, de criação de uma forma a partir de uma rede de configuração heterogênea que inclui a estrutura do sistema nervoso, dos órgãos sensoriais, a história de acoplamentos, a linguagem, as tecnologias, as instituições sociais. Desta forma, possuímos tantos espaços perceptivos quanto classes de correlações sensório-motoras possamos realizar a partir da interação com as diversas configurações da rede.

Isso explicaria porque, após um período de adaptação inicial, nos sintamos imersos em mundos virtuais capazes de instaurar um outro tipo de vivência e de congruências sensório-motoras extremamente ricas e decisivas, produzindo inusitados efeitos de-realidade: nós habitamos um corpo neste mundo novo e fazemos realmente a experiência de traspassar muros, voar... Também explica a possibilidade de navegar em mundos coletivos diversos sem necessariamente substituir ou suplantar outros registros de realidade mas ressignificando-os. Os espaços enriquecem-se reciprocamente. Após uma experiência de imersão em um mundo virtual, contemplamos o mundo "real" de uma forma que ainda não havíamos experimentado, redimensionando nossa sensibilidade. Cada vez mais mundos virtuais podem estar ativos em mundos materiais, mas nem por isso nós os confundimos. Transitamos em mundos por contigüidade, assim não mais estranharíamos ingressar em um Louvre virtual e após, seguir nosso passeio pela cidade.

Além de produzir efeitos na sensibilidade sensório-motora o processo desestabilizador das certezas é intensificado, produz-se o que poderia ser definido como uma *inversão epistemológica do problema*: ao invés de problematizarmos a adolescência "plugada" normatizando-a, questiona-se a exclusão das tecnologias das práticas escolares. No pensamento psicológico, essa inversão potencializa a produção de verdadeiras "revoluções conceituais". Só para citar dois exemplos, poderíamos pensar no conceito de representação na psicologia cognitiva e no de identidade na psicologia da personalidade.

As experiências com mundos virtuais questionam a idéia de cognição como representação de uma realidade dada. O que chamamos de realidade, no sentido do senso-comum, não pré-existe aos nossos próprios modos de compreendê-la. Pensa-se em realidades no plural. A imagem passa a ser uma nova experiência (acontecimento) e não uma modalidade de representação da experiência. Quebra-se a noção de verossimilhança, mimese, questionando-se muitas teorias que fundamentam seus enunciados sobre esses conceitos.

O estudo da imersão em realidades virtuais sociais explicitam modos de experimentação da própria identidade, questionando a idéia de sua unidade. Os modos de ser e de interagir atualizam-se de uma forma heterogênea, múltipla e mestiçada. A grande utilização de *chats* pelos sujeitos, longe de se constituir numa mentira socialmente compartilhada, implica uma atualização de modos de existir virtuais até então não passíveis de experienciação social. Os personagens virtuais revelam outros modos de ser do sujeito, e que poderiam se constituir em objetos-para-se-pensar-com, para ampliar a tomada de consciência dessa heterogeneidade.

Para além de uma reconfiguração das práticas profissionais, os processos de virtualização produzem a necessidade de reconfigurações teórico-conceituais, para que sejamos capazes de pensar a subjetividade contemporânea, sem patologizá-la.



Alfredo Jerusalinsky

Psicanalista, presidente da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, membro da Associação Freudiana Internacional e professor de Pós-Graduação em Psicanálise da USP e Unisinos

As novas tecnologias da comunicação nos interrogam de forma poderosa. Isto é, nos incluem na sua práxis sem nos consultar. Um belo dia chegamos no Banco e, em lugar da cara de nosso familiar "caixa", encontramos o "rosto" de um monitor de 14 polegadas. Chegamos no aeroporto e somos comunicados que nossas vidas serão atrasadas por algumas horas (que colocaremos na conta de quem?) porque o "sistema operacional está fora do ar". De todos os modos poderá se argumentar que nossas vidas, em compensação, foram cotidianamente aceleradas também por obra dos mesmos "sistemas operacionais" – que também decidiram essa aceleração sem nos perguntar.

entre Linhas

A navegação dos náufragos

Nossos nomes, dados e milhões de operações que nos concernem são lançados de um lado a outro do planeta segundo atrás de segundo, de modo instantâneo, provocando resultantes complexas como ser: o valor das coisas, a modificação dos conhecimentos, o valor do trabalho, a mudança no sentido das palavras, permanência ou dissolução de grupos humanos, deslocamentos geográficos de comunidades inteiras (quando, por exemplo, ocorre o fechamento de uma empresa que sustenta a vida de uma cidade), continuidade ou extinção de formas culturais, supressão ou nascimento de novos ofícios, liquidação genocida de grupos humanos, invenção de novas formas de diversão e lazer etc. Tudo isso navegando pelos mesmos meios, numa espécie de salada tropical de doces e salgados, secos e molhados, empacotados cuidadosamente em fórmulas lingüísticas de códigos uniformes que asseguram que toda mensagem seja universalmente traduzível.

De fato, o conjunto de "decisões" que se opera em função do vasto volume de informações que circula nessa rede tende a acontecer como o efeito de uma combinatória que escapa a todo controle individual. Muito mais do que seguir o clássico modelo conspirativo de um grupo de poder controlando o universo,[1] parece seguir a lógica dos resultados incertos de uma vasta e violenta turbulência. Em todo caso, de uma coisa podemos ter certeza: ainda ignoramos as regras e a lógica intrínseca dessa combinatória e, portanto, ignoramos o modo em que ela incide nas "decisões" que nos afetam assim como, fundamentalmente, ignoramos as transformações semióticas que elas provocam e suas, já perceptíveis, conseqüências semânticas.

Para não nos sentirmos excluídos dessa inovação somos convidados a entrar na festa, alegremente compartilhada por feirantes e pesquisadores, estrategistas militares e radialistas, plantadores de bananas e astronautas, erotomaníacos e líderes religiosos. Dispondo de alguns artefatos (relativamente ao alcance de 5% da população mundial – e, segundo anunciam, em três anos extensível para uns 10%), podemos nos transformar em feitores dessa "rede" (ainda não sabemos se isso tem forma de rede) e contribuir, assoprando um pouco, para alimentar a tormenta.

Como um mar de linguagem sem pontuações certas, enchido por turbulentas ondas e redemoinhos cambiantes, sem ainda terem sido fabricados o sextante e a bússola para orientar nesse oceano infinito de significantes, sem pontos de arrebite[2] que lhe permitam reencontrar sua posição nesse espaço siderativo, o sujeito passa a navegar como um náufrago. As longas horas da "internet na madrugada", a entrada sem saída nos universos de "sexonline" e a assunção de um "falso self"

Para não nos sentirmos excluídos dessa inovação somos convidados a entrar na festa, compartilhada por feirantes e pesquisadores...



(que não é a mesma coisa que um simples pseudônimo, mas acreditar poder sustentar uma identidade que não é possível, para esse sujeito, preencher), parecem ser fenômenos incorporados à psicopatologia da vida cotidiana, sobretudo da adolescência – como se sabe, a mais exposta à qualquer oferta siderativa de identificação a um saber total.

As construções de Pierre Lévy em defesa do espaço cibernético vem, paradoxalmente, a apoiar nosso alerta. Tentando esquematizar a evolução dos modelos da comunicação, ele diferencia o modelo inicial que chama de **Um e Todo** (o sujeito subsumido no coletivo) da segunda versão, que seria o **Um e Um** (paradigma de individualismo), do atual **Todos e Todos.**[3] Se ele pretende que essa fórmula venha a ser o surgimento de uma inteligência coletiva, ela oferece todo o aspecto de uma totalidade enganosa.

Enganosa, em primeiro lugar, porque a multiplicação de objetos lingüísticos não assegura uma maior inteligibilidade das coisas, sobretudo quando essa multiplicação não vai acompanhada de zonas que representam a interdição e de pontos de arrrebite. Em segundo lugar, o caráter bi-unívoco necessário aos códigos de "informação propriamente dita" (para eliminar a ambigüidade própria dos usos não informativos da linguagem), limita a inteligência, já que encolhe a dimensão da rede de suas associações. Neste ponto devemos considerar que, enquanto a rede de informações se expande permitindo conexões múltiplas e variadas, ao mesmo tempo o sujeito que opera vê-se constrangido ao uso de um código bi-unívoco que a máquina lhe impõe[4]. É como a diferença entre uma resposta analítica contida numa redação e um *multiple choice*. É evidente que eles conduzem a estilos diferentes de reflexão. A experiência acadêmica extremamente diferente, no que vai dos franceses aos norte-americanos, tem produzido vias de pensamento e produção totalmente contrapostos.

A interrogação sobre o espaço cibernético em seguida nos coloca numa espécie de opção forçada entre uma posição conservadora

A interrogação sobre o espaço cibernético nos coloca numa espécie de opção forçada entre uma posição conservadora ou progressista



ou progressista. Logo que se faz qualquer advertência diante desses avanços, ela adquire uma ressonância de resistência insensata e reacionária. Sobre tudo se levar em conta as promessas de democratização absoluta (Todos com Todos) que essa ilusória igualdade oferece. Como se passar a sermos iguais diante dos dados viesse, *per se*, a interditar qualquer excesso de poder.

Ainda mais que, no espaço cibernético, tanto o Outro social quanto o semelhante se tornam virtuais. O que quer dizer que cada um os representa sob uma forma holográfica[5]. Por isso o sujeito, que bem pode observar as conseqüências de seu ato numa espécie de espaço experimental inócuo, pode muito bem ser levado a supor que o Outro encarnado no conjunto social concreto e a massa substancial de seus semelhantes, comparecem nas conseqüências do ato sob a mesma lógica com que o fazem no campo virtual.

Que estranha democracia seria essa onde o sujeito fosse levado a acreditar que sua prática sexual "on line" não é masturbação – como se seu ato não fosse solitário mas compartilhado -, ou onde pudesse passar inadvertida a diferença entre o videogame e a videoguerra.

---

[1] Nos referimos aos tradicionais modelos paranóicos: "1984" de George Orwell, com seu "Big Brother"; "Farenheit 451" de Ray Bradbury, com seus bombeiros incendiários de livros e suas telas televisivas que "vêem" o espectador em seu lar. No cinema: "Metrópole" de Fritz Lang, "Tempos Modernos" de Charles Chaplin, e os mais recentes "Laranja Mecânica" e "Blade Runner".

[2] Esta é a tradução que escolhemos para o termo de Jacqueerre Levy Lacan: *point de capiton*, com o qual ele se refere aos lugares onde, de modo singular, cada sujeito encontra as referências de produção das significações que particularmente o implicam. Para que tais pontos de amarração se configurem e possam operar é necessário, por um lado, que o sujeito esteja marcado por inscrições que possam se repetir de um modo diferente a cada vez que são evocadas, e, por outro lado, mas ao mesmo tempo, que ele possa reencontrar no discurso social esses termos que o representam. Numa transformação demasiado veloz das condições enunciativas, o sujeito perde de vista os modos de se representar e, inadvertidamente, entra em formas de suplência que o constituem em posições de "falso self". Podemos registrar, nessa fenomênica comunicacional que de modo tão precipitado tem aparecido na vida social recente, uma nova forma de envelhecimento do ser humano: o risco de um envelhecimento precoce das formas de representação no discurso, que determina o que poderíamos chamar "senilidade significante precoce". Nela o sujeito, embora seu organismo conserve todo o vigor necessário, perde seus circuitos sociais devido à veloz extinção das formas semióticas em que se operaram sua inscrição primordial e as derivações narcísico-secundárias delas (vocação, apropriação de conhecimentos, etc.)

[3] Pierre Lévy et alii – "Ciberespaço – um Hipertexto com Pierre Lévy", organizado por Nize Maria Campos Pellanda e Eduardo Campos Pellanda. Ed. Artes e Ofícios, Porto Alegre, 2000.

[4] Nos perguntamos que conseqüências terá esse desdobramento numa espécie de bi-polaridade lingüística à qual o sujeito fica incessantemente exposto. No fim das contas, o surgimento da escrita tem tido, ao longo da história, suas conseqüências para o sujeito: uma maior dissociação entre saber e conhecimento. Por que deveríamos pensar que o sujeito, levado a se representar num espaço lingüístico virtual – sem implicação de ato – se valendo de um instrumento de lógica bi-unívoca, seria invulnerável à essa experiência?

[5] Não nos parece plausível a tese contrária apresentada por Pierre Lévy. In op. Cit.

CRP-07 discute resolução nacional sobre

psicoterapia pela Internet

O crescimento de sites brasileiros oferecendo serviços terapêuticos pela Internet chamou a atenção dos Conselhos de Psicologia, motivando uma análise mais profunda do assunto. Para isso, o Conselho Federal de Psicologia organizou um grupo de trabalho que elaborou uma minuta de resolução sobre este tipo de atendimento (conforme o texto abaixo). Sua aprovação (ou não) cabe aos psicólogos de todo o país. Para isso, o CRP-07 está convocando todos os psicólogos gaúchos para uma rodada de debates, da qual sairá a posição do Rio Grande do Sul sobre a questão, que será encaminhada ao Conselho Federal de Psicologia.

O encontro será realizado no dia 26 de julho, a partir das 20h, no auditório do CRP-07. Participe!

A minuta da Resolução

(texto parcial, ainda sem aprovação definitiva)

Art. 1º: O atendimento psicológico mediado pelo computador, por ser uma prática ainda não reconhecida pela Psicologia, pode ser utilizado no exercício profissional, desde que sejam garantidas as seguintes condições:

I – Faça parte de projeto de pesquisa, conforme critérios dispostos na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde ou legislação que venha a substituí-la;

II – Respeite o Código de Ética Profissional do Psicólogo;

III – O psicólogo que esteja desenvolvendo pesquisa em atendimento psicológico mediado pelo computador tenha protocolo de pesquisa aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa reconhecido pelo Conselho Nacional de Saúde, conforme Resolução CNS 196/96 ou legislação que venha a substituí-la;

IV – O psicólogo pesquisador não receba, a qualquer título, honorários da população pesquisada, sendo também vetada qualquer forma de remuneração do usuário pesquisado;

V – O usuário atendido na pesquisa dê seu consentimento e declare expressamente, em formulário em que conste o texto integral desta Resolução, Ter conhecimento do caráter experimental do atendimento psicológico mediado pelo computador e dos riscos relativos à privacidade das comunicações inerentes ao meio utilizado;

VI – Esteja garantido que o usuário possa a qualquer momento desistir de participar da pesquisa, retirando a autorização, impedindo que seus dados até então recolhidos sejam utilizados na pesquisa;

VII – Quando da publicação de resultados de pesquisa, seja mantido o sigilo sobre a identidade do usuário e evitados indícios que possam identificá-lo;

VIII – O psicólogo pesquisador se compromete a seguir as recomendações técnicas e aquelas relativas à segurança e criptografia disponibilizadas pelo CFP no site www.psicologia-online.org.br;

IX – O psicólogo pesquisador deverá informar imediatamente, a todos os usuários envolvidos na pesquisa, toda e qualquer violação de segurança que comprometa a confidencialidade dos dados;

Art. 2º: O reconhecimento da validade dos resultados das pesquisas em atendimento psicológico mediado pelo computador depende da ampla divulgação dos resultados derivados da experimentação e reconhecimento pela comunidade científica e não apenas da conclusão de pesquisas isoladas.

Art. 3º: Os psicólogos, ao se pronunciarem sobre o atendimento psicológico mediado pelo computador, em pronunciamentos públicos de qualquer tipo, nos meios de comunicação de massa ou na Internet, devem explicitar a natureza experimental deste tipo de prática e devem explicitar que, como tal, não pode haver cobrança de honorários.

Art. 4º: Essas disposições são válidas para todas as formas de atendimento psicológico mediado por computador realizado por psicólogo, independente de sua nomenclatura, como psicoterapia pela Internet, psicanálise pela Internet, psyberterapia, psyberpsicoterapia, psyberatendimento, cyberterapia, cyberpsicoterapia, cyberatendimento, e-terapia, webpsicoterapia, webpsicanálise e outras já existentes ou que venham a ser inventadas. São também igualmente válidas quando a mediação computacional não é evidente, como o acesso à Internet por meio de televisão a cabo ou em aparelhos conjugados ou híbridos, bem como em outras formas possíveis de interação mediada por computador, que possam vir a ser implementadas.

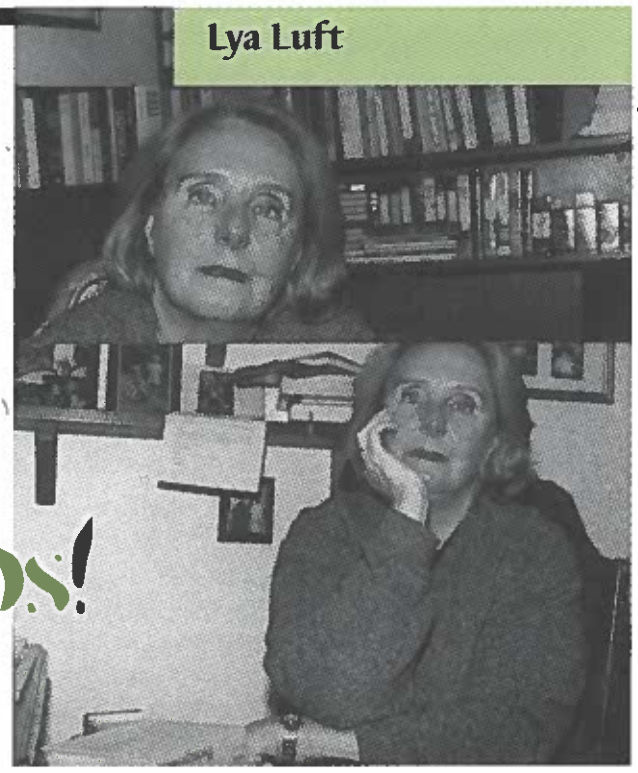
Art. 5º: Nada obsta à realização de orientação psicológica pontual, utilizando a comunicação mediada por computador, nos moldes já usuais em colunas ou programas de orientação psicológica ou orientação sexual comumente encontradas nos jornais, televisão etc e em institutos de reconhecida utilidade pública, desde que não haja cobrança direta dos usuários do serviço.

Art. 6º: Os psicólogos deverão incentivar o estudo da interação humana mediada por computadores nos cursos de Psicologia e nos fóruns de debate da categoria profissional.

entrevista

Lya Luft

os tempos modernos!



Fotos: Solange Brum

Profissionalmente, ela se considera uma tradutora. "Faço livros quando tenho uma história muito boa para contar", salienta a escritora gaúcha Lya Luft, natural de Santa Cruz do Sul. Apesar das centenas de traduções que já assinou nos últimos 40 anos, é pela obra de ficção que Lya é conhecida do grande público, e respeitada pela crítica especializada. Seu nono romance, Histórias do Tempo, sai em outubro pela Editora Siciliano. Mesmo com a obra concluída, a autora sempre encontra algum detalhezinho para acertar. "Sou uma eterna insatisfeita com as palavras, só paro de mexer nas frases quando a editora avisa que o tempo esgotou", brinca. Encantada e absolutamente familiarizada com as possibilidades da Internet, Lya Luft será uma das participantes do seminário subjetivid@de.hi-tech que o CRP-07 promove em agosto. Na tranqüilidade da sua casa, no bairro Chácara das Pedras, a escritora adiantou para o EntreLinhas o que pensa a respeito do assunto.

entre Linhas

EntreLinhas - A senhora é uma pessoa que se vale principalmente da subjetividade para contar suas histórias, elogiadas por críticos e leitores de todo o País. Como avalia todas estas mudanças que vêm com as novas tecnologias, principalmente a das pessoas se relacionarem por meio de máquinas?

Lya Luft - O progresso não tem volta, o mundo vai para a frente. E nós temos que tirar o melhor proveito possível de todas estas descobertas técnicas que abrangem medicina, construção ou relações humanas. Não podemos ignorar que a vida ficou mais fácil com este negócio de Internet: mandamos trabalhos, reservamos hotéis e passagens, consultamos bibliotecas, visitamos museus. Acho isso uma coisa maravilhosa: o mundo dentro da minha casa, na minha mesa de trabalho. Quanto a isto interferir nas relações humanas, a nossa tendência, à primeira vista, é fazer um julgamento negativo. Mas é óbvio que um relacionamento iniciado pela Internet é apenas o começo de um relacionamento pessoal. Depois, estas pessoas terão um verdadeiro relacionamento amoroso, vão se conhecer, viajar, estabelecer relações pessoais baseadas num encontro que já aconteceu pela palavra. Isto também é muito interessante, principalmente para mim, que sou uma mulher das palavras e acredito que nelas você se revela muito: em toda esta história de relacionamentos virtuais está havendo uma revalorização extraordinária da palavra. As pessoas estão escrevendo mais, lendo mais, se comunicando mais...

E - Mas as pessoas podem mentir pelas palavras...

Lya - Sim, e também podem mentir pessoalmente. Eu conheço pessoas que noivaram e casaram com quem haviam se relacionado pessoalmente e tiveram uma experiência horrorosa. Não há garantias de que isso vai ser bom ou mau, como não há garantia para nada na vida... E, como em tudo na vida, as pessoas precisam ter um pouco de bom senso. Se elas não têm, a Internet não tem culpa.

E - Nos últimos tempos têm surgido iniciativas de atendimentos pela Internet, que o CRP-07 vem acompanhando com preocupação. É um serviço novo, do qual ainda desconhecemos a eficácia...

Lya - Mas acho que as mudanças também vão por aí e só a longo prazo veremos que efeito elas terão. Na maioria dos casos, o divã já foi trocado pela poltrona. Eu ainda prefiro olhar meu terapeuta cara a cara do que consultar com uma pessoa que não conheço. Parece um pouco como Astrologia de jornal... Se por um lado temos um certo preconceito porque não sabemos quem está do outro lado dando a consulta, na vida real, na concreta, sabemos que em todas as profissões há muita picaretagem... Sempre é um questão de risco, de escolha, de uso de bom senso. É possível que bons profissionais estejam abrindo seus consultórios pela Internet e que possam dar um excelente atendimento. Por que não? Até porque sabemos que péssimos profissionais abrem seus consultórios, reais e concretos, e dão péssimas consultas. E sabemos que é assim em todas as profissões... Não podemos duvidar da capacidade de alguém só porque está usando a Internet.

E - A senhora fala em ter bom senso para usar a Internet. Mas como evitar, por exemplo, que menores acessem sites não muito convenientes?

Lya - As escolas e as famílias deveriam se preocupar em formar pessoas com mais discernimento para escolher, porque a multiplicidade de material que entra nas nossas casas, seja pela televisão ou pela Internet, não vai mudar nem diminuir. Deveríamos preparar gerações com mais discernimento, com mais valores éticos, com mais capacidade de dialogar e argumentar do que as de agora. Porque só há uma maneira de se defender desta avalanche: fazendo escolhas melhores. Acho que deveria haver uma reestruturação nos relacionamentos e no ensino, os pais deveriam ler mais, conviver e dialogar mais com seus filhos, ao invés de obrigá-los a fazer mil atividades. As crianças, que normalmente são tratadas como imbecis, deveriam aprender a usar melhor sua liberdade e enfrentar sua vida. Para isso, só existe uma maneira: aprender a ser um sujeito pensante, um indivíduo apto a fazer suas escolhas, para poder manejar melhor esta floresta de informações. E isto acaba se refletindo, inclusive, nesta história de relacionamentos. É melhor viver com alguém que eu conheci pela Internet e com quem conversei depois do que ficar com uma pessoa que "cacei" na noite. Não é por causa da Internet que algo é bom ou ruim, o problema é não ter sensatez. É tudo muito novo, estamos no olho do furacão, não podemos rejeitar por preconceito.

E - Faz muito tempo que o computador e a Internet entraram na sua vida?

Lya - Eu trabalho com computador há uns oito ou dez anos. Comprei quando estava no meio de uma tradução e faltaram as folhas timbradas da minha editora. Quando liguei pedindo as folhas, fiquei sabendo que eu era a única tradutora que não trabalhava com disquete. A conexão com a Internet veio depois, quando um dos meus filhos foi terminar o doutorado na Alemanha e era muito mais barato mandar e-mails que telefonar. Hoje em dia faço tudo por e-mail: trabalhos, amizades, reservas de hotéis...

E - Como escritora, o que a senhora pensa

dos colegas que estão lançando livros pela Internet ou escrevendo obras interativas? Também há o fato novo das livrarias virtuais, que possibilitam a compra de livros sem sair de casa...

Lya - Não faria um livro interativo nem permitiria que um sujeito desse palpites no que estou escrevendo, mas respeito a escolha de cada um. Cada vírgula que coloco é minha responsabilidade, meu jeito de trabalhar é fechado, quieto, minha literatura é arte. Esta é a minha visão, mas acho que podemos ser curiosos em relação às novas possibilidades que estão surgindo... Quanto a comprar pela Internet, sou adepta. O tempo que eu poupo em lojas ganho trabalhando em casa. Ficar mais tempo em casa é outra coisa que o progresso nos permite e, se este tempo for usado para coisas boas, como ler ou conversar com a família, eu acho ótimo.

E - Há pessoas que dizem que o livro tradicional vai acabar, que poderemos acessar as publicações através do computador. Isto deixa um escritor muito preocupado?

Lya - Ainda que em 20 anos todas as pessoas tenham seu computador portátil, a literatura não vai acabar. Acho praticamente impossível, mas, se o livro de papel desaparecer, os livreiros vão vender disquetes... Eu prefiro folhear até mesmo um dicionário, só acho que não podemos ter medo do novo. Se houver uma coisa nova, vou ver o que ela pode me trazer de bom... Por exemplo: por que desmerecer alguém que se sentiu bem depois que leu um livro de auto-ajuda? Quantas pessoas, que podem ser bons psicólogos, escrevem sobre Psicologia em revistas como a Nova, e ajudam os outros? Quando me perguntam o que acho do Paulo Coelho sempre respondo com uma frase do Verissimo: "Se por causa do Paulo Coelho uma pessoa que nunca leu entrar numa livraria, comprar um livro e ler, então Viva o Paulo Coelho!" Prefiro ser realista quando se trata deste tipo de assunto, avaliar tudo com um espírito prático.

E - A senhora colocaria algum ingrediente virtual na sua ficção?

Lya - Nunca me passou pela cabeça, mas colocaria numa boa. Afinal, gosto de misturar ficção com reflexões sobres os tempos modernos... No meu novo livro, escrevi "com a caneta eu posso explodir o ponto...". Aí pensei: mas que caneta, eu nem uso caneta. Aí troquei a caneta pela tecla do computador porque quase nunca uso caneta, o computador é minha realidade. Mas o dia em que um personagem destes aparecer na minha cabeça coloco sem o menor problema...

E - Já deu pra perceber que a senhora é uma adepta total desta nova tecnologia. E qual é a sua opinião sobre esta acessibilidade que temos às informações, que se tornou muito mais fácil com o advento da Internet?

Lya - É, eu passo o dia na frente do computador, escrevendo, traduzindo, me comunicando com pessoas... Mas acho que a vida melhorou muito com a tecnologia, o mundo moderno é maravilhoso! No momento, estou traduzindo uma biografia da Mary Stuart e fico impressionada com a brutalidade daquela época. O pessoal acusa a imprensa, mas acho que ela está vigilante, funciona como um olho controlador para certas barbaridades. Também acho maravilhoso o imediatismo que temos hoje, o e-mail manda uma carta em poucos segundos... É interessante observar que o ser humano, sempre tão trapalhão, às vezes consegue corrigir certas besteiras que faz, inventando coisas como a Internet. Diferente do que pregam por aí, acho que Internet chegou para unir ainda mais as pessoas, e não para aumentar a solidão. No meu caso, hoje me comunico rapidamente com pessoas com as quais não falava antes porque era muito complicado telefonar ou mandar uma carta... Bobagens, escolhas erradas, a gente fazia no tempo do telefone à manivela. Então, viva os tempos modernos!!

Encontro reúne psicólogos do Sul do Brasil



Está tudo pronto para o **1º Encontro Sul-Brasileiro de Psicologia,** uma promoção conjunta dos CRPs do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O local escolhido para a realização do encontro foi o Mabu Parque Hotel, em Curitiba, que vai receber os congressistas entre os dias 24 e 27 de agosto. Serão quatro dias de integração e debates sobre questões atuais, com espaço para a apresentação e reflexão de trabalhos ligados à Psicologia.

A programação do encontro está dividida em conferências, cursos, mesas-redondas e workshops, que vão contar com a participação de nomes importantes da Psicologia no país: Dayse Franco Bernardi, Vicente de Paula Saldanha, Maria Lúcia Baltazar, Ronaldo Pamplona da Costa, Sigmar Malvezze e Raquel Guzzo. Os temas das conferências enfatizam a Psicologia Jurídica, Clínica, Educacional e do Trabalho, enquanto os cursos serão centrados na Psicologia Social Comunitária, Sistêmica Familiar, do Trabalho, Hospitalar, Políticas Públicas e Esporte. As mesas-redondas, cerca de vinte, vão abordar temas variados, como a Psicologia do Trânsito, Psicologia no Mercosul, A Mulher no Contexto Social Contemporâneo, O Trabalho do Psicólogo no Serviço Público, Clínica e Cinema e Neuropsicologia.

As inscrições para o 1º Encontro Sul-Brasileiro de Psicologia podem ser feitas no CRP-07, que também está à disposição para maiores informações. O custo das inscrições é de R$ 172,00 (até 30 de julho) ou R$ 206,00 (após 31 de julho). A organização do encontro disponibiliza aos interessados um convênio com a agência de viagens Vanetour (fone (41) 223.4417 ou vanetourturismo@avalon.sul.com.br), que oferece pacotes incluindo passagem áerea, hotel e inscrição.

Atenção

O CRP-07 está colocando à disposição dos psicólogos gaúchos um ônibus, gratuito, para o encontro, com saída de Porto Alegre no dia 23 de agosto à noite. Os interessados devem se inscrever até o dia 28 de julho na secretaria do CRP-07.

Apoio à emenda de Lúcio Alcântara

A Seção Sul do CRP-07 (com sede em Pelotas) convida os psicólogos da região a apoiarem a emenda proposta pelo senador Lúcio Alcântara. Esta pretende incluir psicólogos, fonoaudiólogos, nutricionistas, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais nos planos de saúde.

O apoio está sendo proposto na forma de abaixo-assinado, que será enviado ao senador. A carta para a coleta de assinaturas está à disposição dos psicólogos ligados a Seção Sul na rua Félix da Cunha, 772/304 (em Pelotas). Informações pelo telefone (53) 227.4197.

CURTAS

• Representantes de cursos de graduação em Psicologia do Rio Grande do Sul

se reúnem no CRP-07 no dia sete de julho. O encontro em Porto Alegre, organizado pela ABEP, é o primeiro dos vários regionais que serão realizados em preparação ao seminário nacional, marcado para setembro em Belo Horizonte. O tema é Psicologia e Realidade Brasileira – Trans*Formação*.

• A Comissão de Trânsito

já definiu as datas das próximas reuniões. Em julho, serão realizadas no dia 12, às 19h30min, e no dia 29, às 9h30min. No mês de agosto os encontros serão no dia nove, às 19h30min, e no dia 26, às 9h30min. Todas na sede do CRP-07.

• O Fórum sobre Formação de Especialistas,

realizado no dia 19 de maio, contou com a participação de representantes de instituições acadêmicas e de cursos particulares, que contribuíram para um debate esclarecedor. O CRP-07 está finalizando a sistematização das opiniões, que serão apreciadas e reunidas com as dos outros CRPs pelo Conselho Federal. Tão logo o CFP divulgue a opinião geral da categoria, os psicólogos gaúchos serão convocados para uma segunda reunião.

• O Fórum sobre Práticas Psicológicas e Direitos Humanos

também foi um momento proveitoso para o debate e a troca de experiências. O encontro, que aconteceu no dia 20 de maio, reuniu, no CRP-07, psicólogos do interior e representantes de comissões de Direitos Humanos de outras entidades.

Estudantes debatem a formação do psicólogo

Nos próximos tempos, os estudantes de Psicologia vão poder esclarecer suas dúvidas "legais" sobre a profissão com o representante do diretório acadêmico de sua faculdade. É que no dia 22 de julho o CRP-07 realiza uma **Jornada de Trabalho sobre Formação** dirigida especialmente aos estudantes de Psicologia e para a qual estão convidados os alunos que estão na liderança dos DAs. O encontro tem como objetivo instrumentalizar estes estudantes em assuntos como ética e legislação da profissão, para que possam atuar como multiplicadores em suas faculdades. Será um dia inteiro de debates e esclarecimentos coordenados pelos psicólogos integrantes da Comissão de Formação do CRP-07, que vão abordar questões como a caracterização e importância do Sistema Conselho, sua estrutura, fiscalização e políticas profissionais. A jornada começa às 8h30min no auditório da sede do CRP-07, em Porto Alegre.

Entidades defendem reforma psiquiátrica

A Reforma Psiquiátrica voltou ao debate em maio, quando o Conselho Federal de Psicologia promoveu o Fórum Nacional Como Anda a Reforma Psiquiátrica Brasileira? Avaliação, Perspectivas e Prioridades. Foi um dia de reflexões importantes e mais um passo na luta pelas mudanças que várias entidades querem ver implantadas no sistema de atendimento aos doentes mentais. Os participantes do Fórum expressaram sua vontade de que os governos dos vários estados brasileiros adotem medidas mais operacionais em relação à reforma psiquiátrica, mas estas precisam vir acompanhadas de uma reforma estrutural no sistema de hospitais psiquiátricos. Afinal, não adianta mudar a lei se a verba destinada pelo SUS não for aplicada em serviços substitutivos ou, ainda, se obstáculos como a profissionalização e o beneficiamento com o lucro da loucura não forem banidos totalmente da saúde brasileira.

Sociedade gaúcha contra a interdição dos portadores de sofrimento psíquico

Denúncias de que portadores de sofrimentos psíquicos estariam sendo interditados pelo INSS no recebimento de seus benefícios foram o motivo de uma audiência pública realizada em maio no plenarinho da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa. O debate reuniu representantes regionais do INSS, da Procuradoria do RS, de deputados nacionais e federais, de comissões de Direitos Humanos de várias entidades (incluindo o CRP-07) e de Conselhos de Saúde de vários municípios. O posicionamento do CRP-07, bem como o de várias entidades, é que este tipo de interdição não pode existir porque nega direitos básicos e civis às pessoas, que, perante a Lei, são cidadãs e, por isso, têm seus direitos assegurados. Ao final do debate os representantes do INSS explicaram que esta interdição não é normativa e que as denúncias iam ser devidamente investigadas.

Mostra de Práticas tem novo prazo

Foi prorrogado para 4 de agosto o prazo de inscrição de trabalhos na Mostra de Práticas em Psicologia, que será realizada no Parque do Anhembi, em São Paulo, nos dias 5, 6 e 7 de outubro. Serão três dias de intensas trocas de experiências, todas voltadas para um assunto que está na pauta do dia: a Psicologia e Compromisso Social. Mais informações na secretaria do CRP-07 ou no site www.psicologia-online.org.br/mostra.html

CRP-07 participa de Conferência sobre Direitos Humanos

A Comissão de Direitos Humanos do CRP-07, em função da finalidade para a qual foi criada, participou da V Conferência Nacional de Direitos Humanos. O encontro, realizado na Câmara dos Deputados em maio passado, foi coordenado pelo gaúcho Marcos Rolim. O objetivo da conferência foi fazer uma radiografia da situação brasileira no que diz respeito à violação dos DH e, particularmente, sobre a questão da violência e suas relações com a exclusão, a discriminação e o preconceito. Uma das propostas ressaltadas foi a criação de um fórum permanente para o monitoramento e interlocução com o Estado brasileiro em relação aos compromissos internacionais assumidos pelo país em matéria de DH, tais como o posicionamento do Brasil no PIDESC (Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais).

agenda

crp07@portoweb.com.br

Fale conosco

Assinaturas

A faculdade de Psicologia da PUC do Paraná está buscando novos assinantes para a revista Psicologia Argumento, uma publicação semestral de caráter acadêmico que circula desde 1982. Os interessados em conhecer ou assinar a revista podem fazê-lo através do e-mail pucci@rla01.pucpr.br ou pelo telefone (41) 330.1597.

Fóruns em Pelotas

A Seção Sul do CRP-07 (sede em Pelotas), prossegue com seu programa de fóruns mensais, quando são debatidos assuntos de interesse da categoria. No dia 13 de julho, a palestra será conduzida pelas psicólogas Floriana de Oliveira e Helena Fonseca, com o tema É útil o teste de Wartegg na prevenção de acidentes de trânsito? No dia 17 de agosto, será a vez da psicóloga Marizele Cantarelli falar sobre O papel do psicólogo no processo de construção de vínculos. Sempre às 19h, com entrada franca.

Voluntários

A ONG Parceiros Voluntários está convidando os psicológos gaúchos a se engajarem, como voluntários, nos projetos da entidade. O objetivo da Parceiros Voluntários é o apoio e trabalho com causas sociais, seja trocando experiências, dividindo conhecimentos ou atendendo a pessoas necessitadas. Maiores informações podem ser obtidas pelos telefones (54) 228.2944 (em Caxias do Sul) ou (51) 227.5819 (em Porto Alegre). E-mail: parceiros@nutecnet.com.br

XIII Encontro Regional de Estudantes de Psicologia

De 24 a 30 de julho em Itajaí (SC)
Informações (47) 351.1619 ou (47) 360.7824

V Jornada de Doenças Afetivas

Tema: Diagnósticos e Avanços Terapêuticos nos Transtornos do Humor
Dias 25 e 26 de agosto na Santa Casa de Porto Alegre
Informações (51) 214.8504

IV Congresso Brasileiro de Terapia Familiar/II Encontro Latino-Americano de Terapia Familiar

Tema: A família em tempos de transição - justiça social, ética e cidadania
De 02 a 06 de agosto em Brasília (DF)
Informações (61) 224.9077 ou intermedium@brasilia.com.br

I Encontro Sul-Brasileiro de Psicologia

De 24 a 27 de agosto em Curitiba (PR)
Informações no CRP-07, pelos telefones (51) 330.3458 ou 335.1838

V Encontro Mineiro de Avaliação Psicológica/VIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica

De 22 a 25 de agosto em Belo Horizonte (MG)
Informações (31) 319.4235, (31) 319.4238 ou www.pucminas.br

Curso de Formação em Psicoterapia Psicanalítica

Início em agosto
Inscrições abertas no Instituto Wilfred Bion
Informações (51) 332.3943 ou 335.3443

Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica

Dirigido a médicos e psicólogos, com duração de 30 meses
Inscrições abertas no Instituto Abuchaim
Informações (51) 337.5213 ou 337.5304

XXIII Congresso Latino-Americano de Psicanálise

Tema: Psicanálise e Cultura - entre o divã e a comunidade
De 02 a 09 de setembro em Gramado (RS)
Informações (51) 212.0065, (51) 221.8157 ou www.fepal.org.br

VII Congresso Internacional de Gestalt

Tema: A Gestalt de todo o mundo - perspectivas
De 26 a 29 de outubro no Rio de Janeiro (RJ)
Informações (21) 509.4080 ou www.gestalt.com.br

XII Jornada Anual do IEPP

Tema: Corpo, Gênero e Identidade
Dias 06 e 07/10/00 no Hotel Embaixador de Porto Alegre
Informações (51) 333.4801 ou iepp@iepp.com.br

XX Jornada Sul-Rio-Grandense de Psiquiatria Dinâmica

Tema: A Psicoterapia na era das Neurociências
De 19 a 21/10/00 em Canela (RS)
Informações (51) 330.5655 ou 316.8416

Formação em Psicanálise

Curso em seis semestres, com início em agosto
Inscrições abertas no Centro de Estudos Psicanalíticos de São Paulo
Informações (11) 864.2330 ou (11) 3856.0017

Espaço de Encontro Pais-Bebê

Atividades nas terças e sextas, a partir das 15h30min
Inscrições abertas na Clínica Pais-Bebê
Informações (51) 332.5899

VIII Congresso Brasileiro de Adolescência/VII Congresso Internacional de Saúde na Adolescência

De 13 a 17/05/2001 em Salvador (BA)
Informações (71) 264.3477

Não esqueça

- Dia 26 de julho, a partir das 20h, no CRP-07, debate sobre a minuta da Resolução que restringe o atendimento psicológico via computador a pesquisas
- Dia 25 de agosto, a partir das 16h, na Sala 209 da Usina do Gasômetro, comemoração pelo Dia do Psicólogo com o seminário

subjetivid@de.hi-tech

Ciberespaço

um Hipertexto com Pierre Lévy

de Nize Maria Campos Pellanda e
Eduardo Campos Pellanda (organizadores)
Porto Alegre, 2000,
Editora Artes e Ofícios.
R$ 24,00

Reinventando a rede nos devires de Pierre Lévy

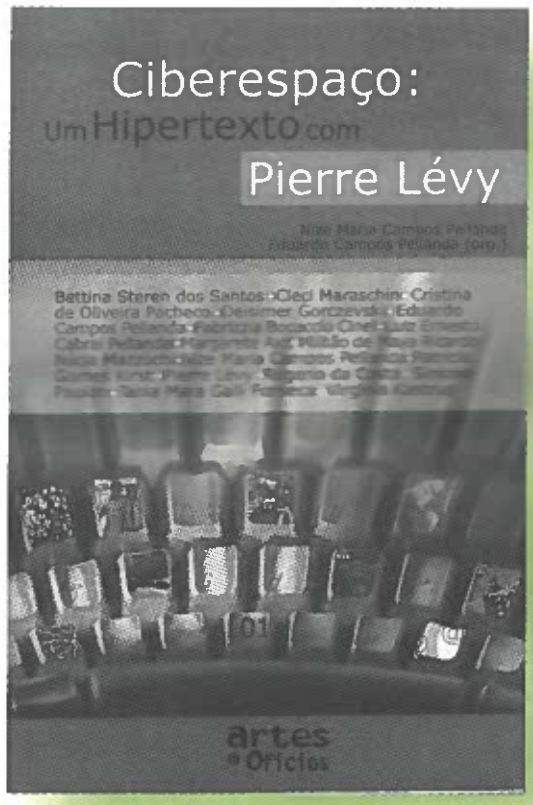
Patrícia Gomes Kirst
Psicóloga, mestranda do Programa de Psicologia Social e Institucional, membro da Equipe do Ambulatório da Cruz Vermelha, fotógrafa e co-autora.

O livro *Ciberespaço: Um Hipertexto com Pierre Lévy* é o resultado da provocação deste pensador (que se entitula engenheiro do conhecimento) contemporâneo e atualíssimo, porque vem em sua trajetória refletindo e produzindo sobre a rede, tanto do ponto de vista técnico como da sua repercussão nos novos modos de ser e produzir o conhecimento.

Aqueles que estudam cognição que me perdoem tão breve apresentação, todavia Lévy dispensa comentários para os que morderam a maçã da cibercultura e já perderam o medo do naufrágio no nosso tão revolto e íntimo mar de tantas e tantas informações. Os céticos que fiquem atentos, pois tudo está mudando muito rapidamente em função desta nova forma de enxergarmos a nós mesmos. Estamos irremediavelmente interligados e um sujeito récem-inaugurado surge e nos faz questão. Sem dúvida nós, psicólogos, iremos, com a criação de novos instrumentos e dando novos ritmos ao nosso pensar, desvendar parcialmente as novas subjetividades engendradas pelo espaço virtual. Aliás, o que vem em primeiro lugar em pauta é a oposição entre um sujeito cartesiano, identitário, fixo e "livre" e um sujeito pós-moderno, mutante, navegador e concebendo a si e ao mundo como um eterno "por fazer". Como conseqüência desta ruptura na concepção de sujeito, a ciência vem se tornando menos arrogante, pois o ciberespaço não é lugar de verdades imutáveis e certezas intransponíveis, é o lugar da novidade, da invenção e das muitíssimas convergências. Um ponto de convergência dos mais relevantes é aquele que acopla sujeito e objeto não havendo mais a concepção de neutralidade e exterioridade na relação daquele que pensa com o seu objeto de pensamento ou daquele que vê com seus referentes.

Somos aquilo que estudamos, aquilo que nos inquieta e que nos move em direção a certas respostas. No caso desta escrita somos a própria rede e comentá-la supõe que a recriemos com nossa própria testemunha e com o ritmo de nossos percalços. Assim, para o leitor será possível deixar-se levar pela incerteza, pela abertura aos "lincks" desta cena e balançar algumas idéias nas ondas do pensamento daqueles que pensam sobre Lévy.

Pensar sobre o pensar, ler sobre leituras ou retirar mundos deste mundo é a tradução de nosso espaço como rede. Logo no início, na apresentação do livro, Nize Pellanda cita Roy Ascott, que sintetiza magistralmente as misturas de tudo com tudo: "toda a fibra, todo o nódulo, todo o servidor na rede é parte de mim. À medida que eu interajo com a rede eu me reconfiguro. Minha extensão rede define-me como meu corpo material me definia na velha cultura biológica. Olhando a rede com atenção tipo-Zen como novas formas emergem, como a energia criativa da conectividade produz novas idéias, imagens, nova vida. Emergência é o comportamento-chave da rede."



Este livro pode ele próprio ser pensado como hipertexto, pensamento fluindo em pensamento e concomitantemente ainda contamos com a presença de um estrangeiro que também ressignificará cada palavra: o leitor. E a cada leitura a rede se expandirá, tomará novos sentidos e quem sabe poderá tornar-se inspiradora de outras redes... E assim nos vamos pelo hipertexto, clicando/ nos perdendo/ reconhecendo e tendo na telinha do computador uma potência para nossa inteligência por ser fonte de entrosamento, intercâmbio de diferenças e, principalmente, porque segundo Lévy temos, ao alcance das mãos, um meio de todos para todos, diferentemente da mídia televisiva, que é de poucos para muitos.

É o começo de um espaço de pensamento mais democrático e essencialmente vivo, porque é construído por cada um que entra, que faz conexão e espera ser surpreendido por aquilo que procura. Mas, talvez encontremos outras coisas e as mais cheias de energia são, certamente, aquelas que não procuramos e que nos fazem ver que estar no movimento da rede/da vida transcende em muito nossas expectativas.

Os céticos que fiquem atentos, pois tudo está mudando muito rapidamente...
em função desta nova forma de enxergarmos a nós mesmos.